

# LUA NOVA

**Clarissa Reche**

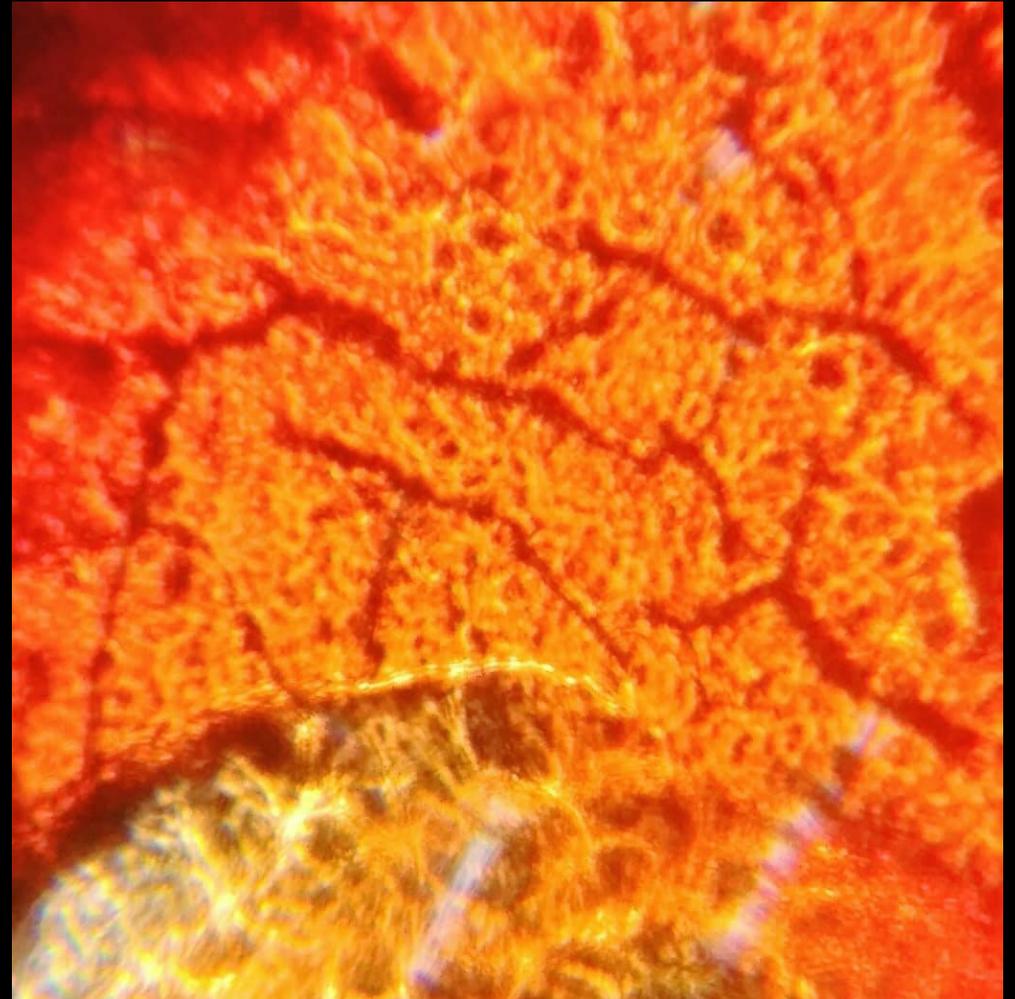
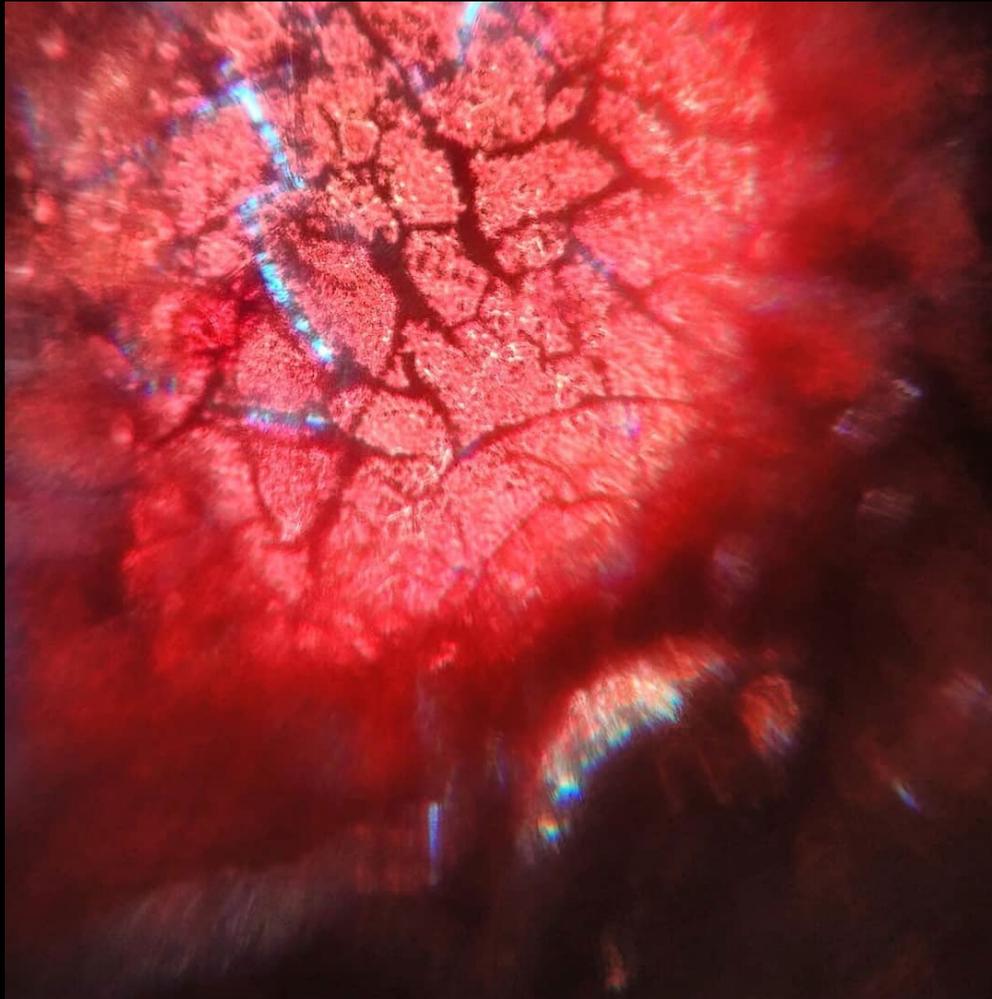
> [clari.reche@gmail.com](mailto:clari.reche@gmail.com)

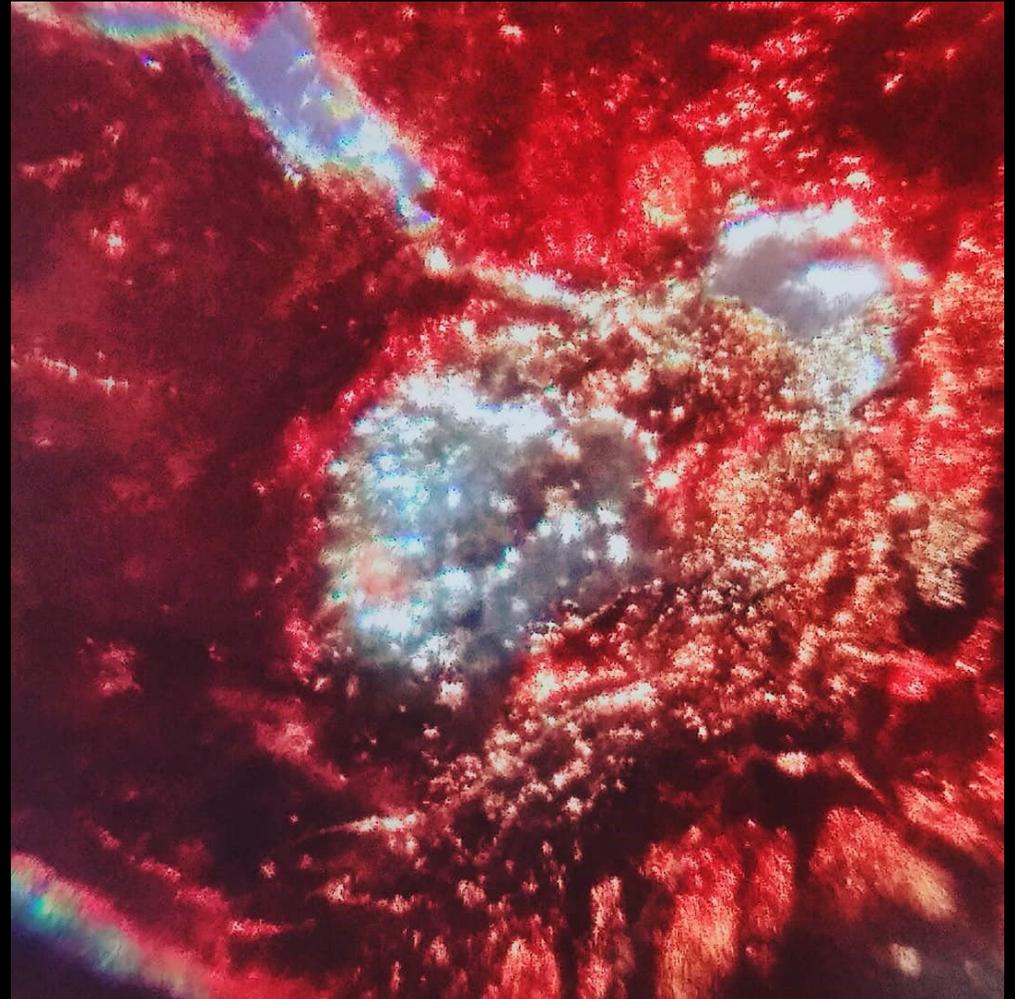
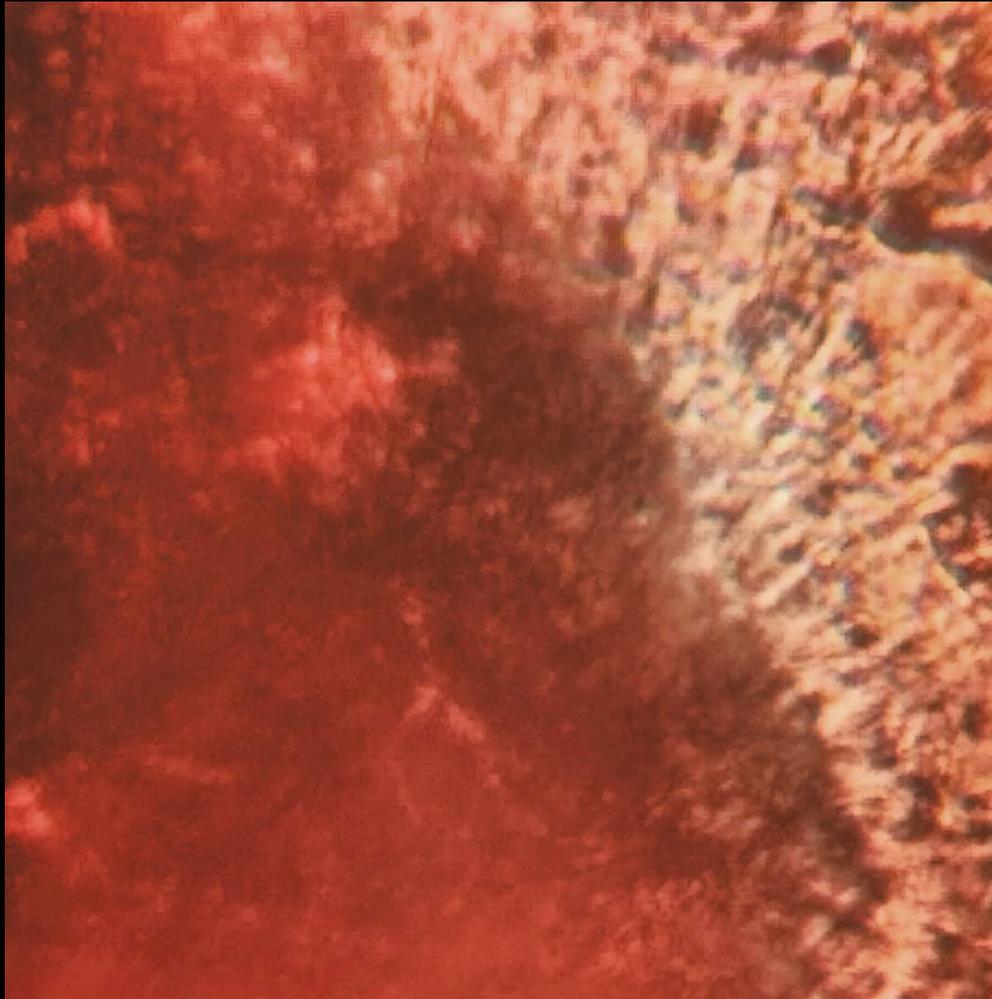
Instituto de Estudos Brasileiros - Universidade de São Paulo

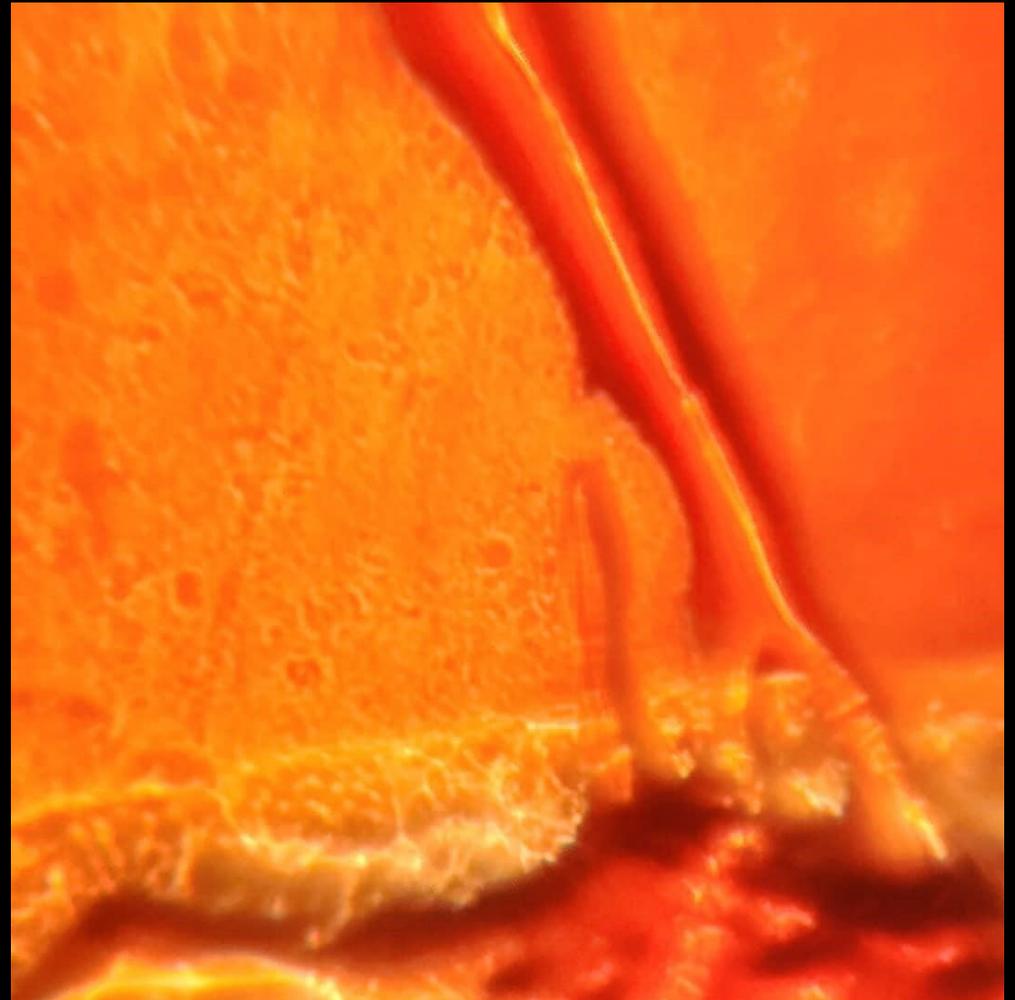


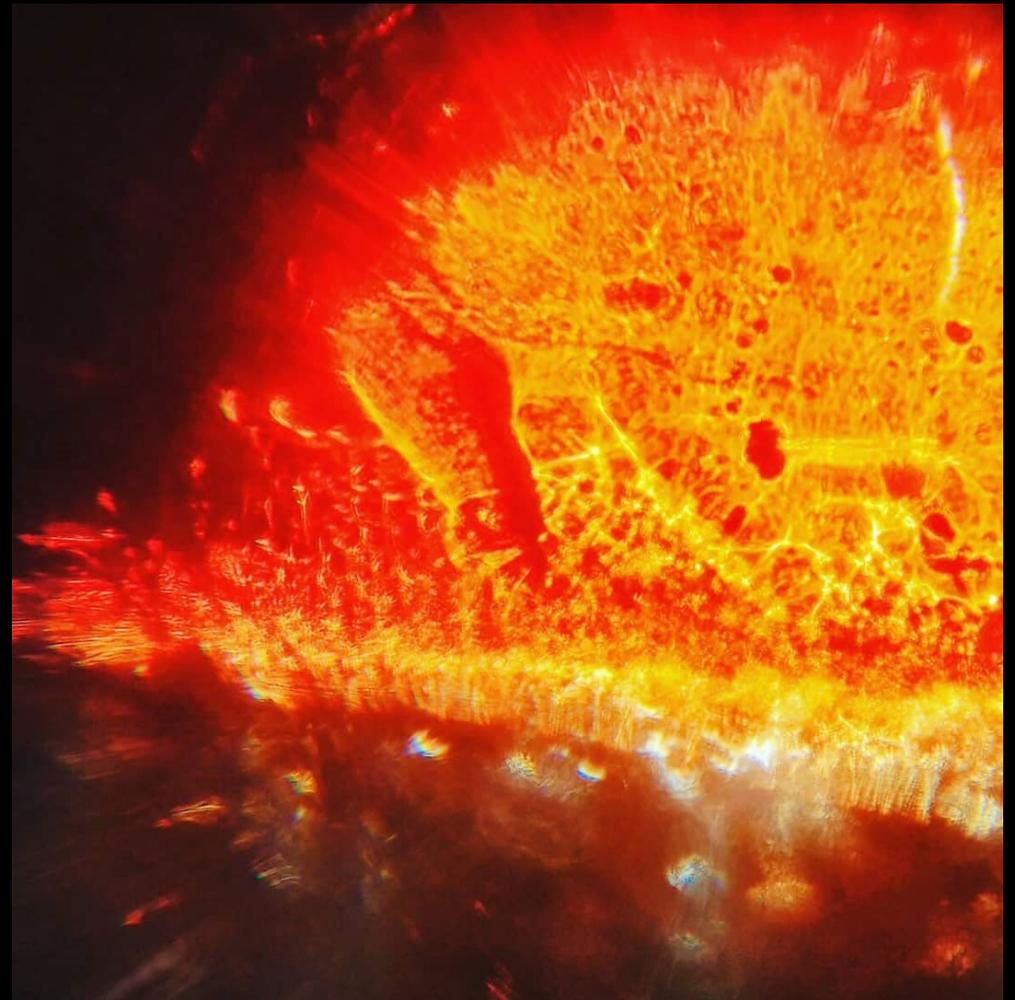
Percebi que minhas mãos estavam tremendo. Tremendo e frias. Estava diante de mim mesma, exposta, achatada. O coração acelerado, a respiração rarefeita e diante de mim o infinito, explodido em complexidade de magma e cristal. O primeiro deslumbramento rapidamente deu lugar a uma exploração sistematizada do espaço imenso: buscava atentamente um lugar confortável e ali mergulhava. Cada mudança de escala trazia consigo novas paisagens entre-compostas, aliadas na produção da multidimensionalidade em que eu, espantada a cada vez, emergia e submergia.

[anotação; ver depois; cosmogonia: “a palavra vem do grego koiné κοσμογονία (de κόσμος “Cosmos, o mundo”) e da raiz de γί(γ)νομαι / γέγονα (“entrar em um novo estado de ser”); wikipedia]











Perguntei para minha mãe sobre as fotos. Ela apontou com o olhar para a minha avó, sua mãe, e falou baixinho “vem cá”, e fomos para o outro canto da cozinha. Disse então que não queria que minha avó ouvisse a conversa, porque não entenderia. E disse que adorou as fotos. E começou a falar. Meio tropeçando nas palavras, engasgando nas sílabas difíceis. me contou que a menstruação era um problema para ela, mal resolvido mesmo depois de uma intervenção cirúrgica chamada “ablação”. Minha mãe teve o útero removido e nunca tinha me contado o porque. Mas ela viu as fotos, e ela falou. Falou de dores, de traumas, falou de sangue e de vida. Ao chegar em casa depois do almoço de dia das mães penso na mulher de 57 anos que me gerou e criou, uma mulher que, como eu, viveu silenciando suas questões. Mas ela viu as fotos e, como eu, lidou com suas dores. Lavei o silêncio rompido com lágrimas de alegria e esperança.

Contato é contágio. Num trabalho de campo bem feito ninguém sai como entrou. A afetação é mútua. Já sabemos disso (corremos da polícia, ouvimos os tambores tocando) e eu estava preparada, exposta, achatada. Mas é contágio: uma vez no mundo se espalha e segue transformando. Cada afeto explode em incontáveis infecções [infectei minha mãe]. Se relacionar é se espalhar e se responsabilizar.

[anotação; ver depois; infección: prefijo in-, que indica una acción hacia dentro; el verbo facere (hacer); el sufijo -tio (-ción = acción y afecto); from Latin infectus, “to stain, tinge, dye,” also “to corrupt, stain, spoil,” literally “to put in to, dip into,” from in- “in” (from PIE root \*en “in”) + facere “to make, do, perform” (from PIE root \*dhe- “to set, put”), catching, having the quality of spreading from person to person, communicable by infection]

Este trabalho é um esboço de contra-feitiço, um esforço alegre de construir narrativas para a sobrevivência (da terra / de múltiplos mundos).



**\*\* INÍCIO DA COLAGEM, SABERES LOCALIZADOS, DONNA HARAWAY \*\***

“Quero uma escrita feminista do corpo que enfatize metaforicamente a visão outra vez, porque precisamos resgatar este sentido para encontrar nosso caminho através de todos os truques e poderes visualizadores das ciências e tecnologias modernas que transformaram os debates sobre a objetividade. Precisamos aprender em nossos corpos, dotados das cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos, nas dimensões do espaço mental e físico que mal sabemos como nomear. Assim, de modo não muito perverso, a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver.” (p. 19)

**\*\* FINAL DA COLAGEM, SABERES LOCALIZADOS, DONNA HARAWAY \*\***



Aos 12 menstruei, aos 13 fui colocada na pílula anticoncepcional, aos 28 voltei a menstruar. Eu não sabia que tinha um corpo.

Aos 9 queria ser astrônoma, aos 19 me apaixonei por design, aos 30 me vi como antropóloga da ciência e tecnologia e descobri que enquanto sonhava com as estrelas quando criança outras mulheres conquistavam o direito de estudá-las [o ITA só permitiu a entrada de mulheres em 1996].

“O conservadorismo pode até desacelerar esse processo, mas hoje já não é mais capaz de nos parar. Eu sei dos números que eu represento e quero que outras mulheres olhem para mim e vejam que é possível. Eu combato todos os dias um cenário que contrasta de mim só por estar aqui, mas eu quero mais que isso. Precisamos entender que todos os ambientes são nossos e lutar uns pelos outros” - Sônia Guimarães, primeira mulher negra professora no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, admitida em 1993, em entrevista para o jornal Vanguarda em março de 2018.

Eu não sabia que tinha um corpo.: - insensata, inerte, sem fôlego sob o seu fardo geométrico de cruz recomeçando eternamente, indócil à sua sorte, muda, contrariada de todas as maneiras, incapaz de crescer segundo a seiva dessa terra, tolhida, roída [invoco Aimé Cesárie].

Agora sei que tenho um corpo. Em ruptura de fauna e flora.

Série fotográfica produzida a partir de experimento utilizando meu sangue menstrual traduzido a partir de um microscópio construído pelos meus amigos e eu que utiliza a câmera do celular amplificada com uma lente de ponteira laser (chaveiro de 2 reais). Esta relação se deu graças à minha pesquisa de mestrado, etnografando o encontro entre as práticas hackers e o fazer científico, pensando-o como táticas de insistência em permanecer pesquisando - e vivendo - de forma alegre\*.



\* “E precisamos, principalmente, do que testemunhas, narrativas e celebrações podem transmitir: a experiência que assina a produção de uma conexão bem-sucedida entre a política e a produção experimental, sempre experimental, de uma capacidade nova de agir e de pensar. Tal experiência é o que, no rastro de Espinosa e de muitos outros, eu chamarei de alegria. A alegria, escreveu Espinosa, é o que traduz um aumento da potência de agir, ou seja, também de pensar e de imaginar, e ela tem algo a ver com um saber, mas um saber que não é de ordem teórica, pois não designa a princípio um objeto, mas o próprio modo de existência daquele que se torna capaz de sentir alegria. A alegria, poderíamos dizer, é a assinatura do acontecimento por excelência, a produção-descoberta de um novo grau de liberdade, conferindo à vida uma dimensão complementar, modificando assim as relações entre as dimensões já habitadas. Alegria do primeiro passo, mesmo inquieto. E a alegria, por outro lado, tem uma potência epidêmica. É o que mostram tantos anônimos que, como eu, sentiram essa alegria em maio de 1968, antes de os responsáveis, porta-vozes de imperativos abstratos, se apoderaram do acontecimento. A alegria é transmitida não de alguém que sabe a alguém que é ignorante, mas de um modo em si mesmo produtor de igualdade, alegria de pensar e de imaginar juntos, com os outros, graças aos outros. Ela é o que me faz apostar em um futuro em que a resposta a Gaia não seria o triste decréscimo, e sim o que os objetores de crescimento já inventam quando descobrem juntos as dimensões da vida que foram anestesiadas, massacradas, desonradas em nome de um progresso hoje reduzido ao imperativo de crescimento. Talvez, finalmente, ela seja o que pode desmoralizar nossos responsáveis, levá-los a abandonar sua triste pose heróica e a trair o que os aprisionou.” (Isabelle Stenger, *No tempo das catástrofes*, p. 142)